

Importância de Projeto de Extensão na Prática Clínica do Fisioterapeuta

Importance of an Extension Project for Physiotherapist's Clinical Practice

Jonas de Oliveira Pires^a; Fábio Issamu Ikezaki^{b*}; Ariobaldo Frisseli^c; Chistiane de Souza Guerino Macedo^d

^aUniversidade Estadual de Londrina, Programa de Residência em Fisioterapia Traumatológica e Ortopédica Funcional. PR, Brasil.

^bUniversidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação. PR, Brasil.

^cUniversidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Física e Esporte. PR, Brasil.

^dUniversidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Fisioterapia. PR, Brasil.

*E-mail: fabioikezaki@gmail.com

Recebido em: 28/05/2018

Aprovado em: 31/10/2018

Resumo

Projetos de Extensão em Fisioterapia Esportiva (PEFE) são incentivados durante a graduação, porém sua importância para prática profissional não está elucidada. O objeto desse estudo foi verificar a importância que fisioterapeutas atribuem ao PEFE, para formação acadêmica e prática clínica. Foram entrevistados 29 fisioterapeutas (44,8% mulheres; 55,2% homens) com idade média de 25 anos, que participaram do PEFE na Universidade Estadual de Londrina, durante ou após a graduação. Todos responderam um questionário sobre a participação no PEFE, atividades científicas, caracterização profissional, a importância do PEFE para formação acadêmica e prática clínica, que foram classificadas pelos autores como: Muito importante (MI), importante (I), pouco importante (PI) e não importante (NI). Os dados foram analisados por meio de frequência absoluta e relativa e descritos em porcentagem. Quanto à importância atribuída à formação acadêmica, destacou-se a classificação de MI para facilidade nos estágios curriculares (18[85,7%]) e relação terapeuta-paciente (17[85,0%]). Quanto à prática clínica foi MI a facilidade com métodos de avaliação (22[75,9%]), criatividade em condutas de cinesioterapia (21[72,4%]), eletroterapia e terapia manual (18[62,1%]). Cabe destacar, a importância na melhora da elaboração das terapias e a facilidade de contato com outros profissionais. Os resultados estabeleceram que o PEFE foi muito importante para a formação acadêmica e prática clínica do profissional, com destaque para o melhor desenvolvimento dos estágios curriculares e facilitação da relação terapeuta-paciente. Estes resultados incentivam o desenvolvimento e participação em projetos de extensão no decorrer da graduação em fisioterapia.

Palavras-chave: Fisioterapia. Esportes. Educação. Futebol.

Abstract

Extension Projects in Sports Physiotherapy (PEFE) are encouraged during undergraduate degree, but their importance for professional practice is not clear. The aim was to verify the importance that physiotherapists attribute to PEFE, for academic training and clinical practice. 29 physiotherapists were interviewed (44.8% women, 55.2% men) age \pm of 25 years, who participated in PEFE by Universidade Estadual de Londrina during or after undergraduate degree. They answered a self-developed questionnaire about their participation in PEFE, scientific activities, professional characterization, the importance of PEFE for academic training and clinical practice, which were classified as: Very important (MI), important (I), minor (PI) and not important (NI). The data were analyzed by absolute and relative frequency and described in percentage. About the importance attributed the academic formation, MI classification stood out for ease in the curricular stages (18[85,7%]) and the therapist-patient relationship (17[85,0%]). Regarding clinical practice, MI stood out regarding evaluation of patients (22[75,9%]), creativity in kinesiotherapy (21[72,4%]), electrotherapy and manual therapy (18[62,1%]). It is important to emphasize the importance of improving the elaboration of therapies and of patients and the ease of contact with other professionals. The results established that the PEFE was very important for the academic training and professional clinical practice, with emphasis on better development of the curricular stages and facilitation of the therapist-patient relationship. These results encourage the development and participation in extension projects during undergraduate degree in physiotherapy.

Keywords: Physiotherapy Specialty. Sports. Education. Soccer.

1 Introdução

A extensão universitária nos cursos de graduação em fisioterapia pode ser um dos caminhos que contribuem para uma melhor formação acadêmica¹, e apresenta importante significado por exercer funções pautadas na formação profissional, no desenvolvimento de conhecimentos, além de permitir a integração entre teoria e prática em comunicação com a sociedade^{2,3}. As atividades de extensão proporcionam aos alunos uma visão mais ampla para atuação profissional

e possibilitam o conhecimento além da sala de aula. Assim, permite ao estudante descobrir um novo recurso de aprendizagem, que desenvolve importantes habilidades e competências⁴.

Na fisioterapia, estes programas estão apoiados, principalmente, na Resolução CNE/CES nº 4, de 19 de fevereiro de 2002⁵, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia. Deste modo, a extensão universitária tem crescido nos cursos de

fisioterapia para complementar a formação acadêmica, e proporcionar uma alternativa para explorar o conhecimento e colocar o estudante próximo à realidade a ser encontrada após sua formação^{1,6}.

No Brasil, apenas 37% dos cursos de fisioterapia em instituições públicas possuem projetos de extensão em fisioterapia esportiva (PEFE)⁷, considerados de extrema importância, pois além do envolvimento entre alunos, professores e comunidade atlética, também proporcionam o desenvolvimento de ações educacionais e assistenciais⁸. Estudos mostram que projetos de extensão em fisioterapia são importantes para formação acadêmica^{1,7,8}, porém, pouco se diz sobre a importância de ter participado de um projeto de extensão para prática profissional, após o término da graduação.

Assim, surgem as perguntas: será que participação em um PEFE é importante para a prática clínica profissional? Qual o perfil do profissional que participou de um PEFE? Quais as habilidades fisioterapêuticas desenvolvidas no PEFE que os profissionais mais valorizam? Desta forma, o objetivo deste estudo foi verificar a importância que fisioterapeutas atribuem à participação em um PEFE, para sua formação acadêmica e prática clínica profissional.

2.1 Material e Métodos

A pesquisa com delineamento qualitativo/quantitativo transversal, conduzida de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília/DF e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina (Parecer 050/2011).

Foram selecionados todos os voluntários cadastrados no projeto de extensão: “O futebol como instrumento de inclusão social e formação acadêmica fases I, II e III” aprovado pela Resolução CEPE 274/2005, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Todos foram contatados, via e-mail, entre junho e julho de 2017. Os critérios de inclusão foram: a) ser graduado em fisioterapia; b) ter participado do projeto durante a graduação ou após a graduação.

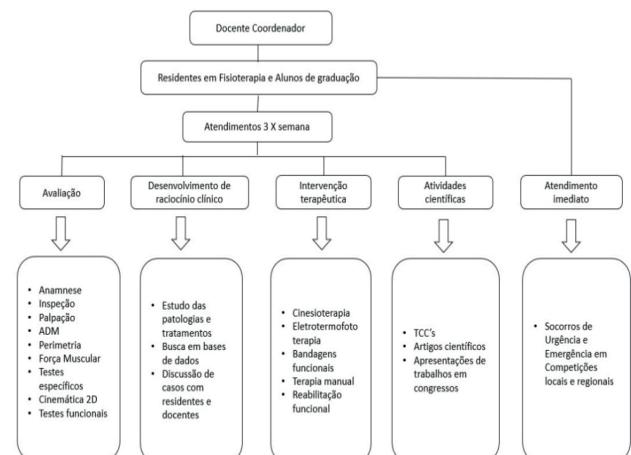
Participaram do presente estudo, 29 fisioterapeutas (16 homens e 13 mulheres), com até sete anos de formados, que fizeram parte do projeto de extensão: “O futebol como instrumento de inclusão social e formação acadêmica fases I, II e III” durante o curso de graduação em Fisioterapia da Universidade Estadual de Londrina ou de Residência em Fisioterapia Traumatologia Ortopédica Funcional (RFTOF), dos anos de 2010 a 2016, na Universidade Estadual de Londrina. Todos os participantes do projeto estavam informados sobre os objetivos e metodologia da pesquisa, concordaram em participar do estudo e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, enviado via e-mail.

O projeto de extensão: “O futebol como instrumento de inclusão social e formação acadêmica fases I, II e III” teve como objetivo propiciar aos acadêmicos dos cursos de esporte,

bacharelado em educação física e fisioterapia, proporcionar vivência em realidade concreta dentro do futebol; elaborar trabalhos regulares e sistematizados com condições de desenvolvimento técnico/tático/físico adequados às diferentes faixas etárias de atletas; propor condições de elaboração de trabalhos científicos a serem apresentados em congressos, seminários acadêmicos e esportivos. As atividades foram desenvolvidas no Centro de Educação Física e Esporte (CEFE) da UEL, bem como na sede do clube Júnior Team Futebol (JTF), local de moradia da maioria dos atletas, com academia de musculação e sala de fisioterapia esportiva.

As atividades de fisioterapia esportiva foram desenvolvidas por alunos de graduação da UEL e de pós-graduação do programa de RFTOF, três vezes por semana, supervisionados por docente especialista na área. Os participantes tiveram atuação direta na avaliação, na elaboração de raciocínio clínico e dos métodos de tratamento em fisioterapia esportiva mais adequados, assim como foi permitido acompanhar o atleta em treinamentos, competições e até o retorno ao esporte. Os métodos de tratamentos fisioterápicos mais utilizados foram a cinesioterapia (alongamentos, fortalecimentos e treinamento sensorio motor), eletrotermofototerapia (correntes analgésicas e de eletroestimulação muscular, ultrassom, laser e ondas curtas), bandagens funcionais (rígidas e elásticas), terapia manual (manobras miofasciais e mobilizações articulares) e reabilitação funcional (coordenação, agilidade e treinamento de gesto esportivo). Além disso, foi possível a realização de atividades de prevenção de lesões, participação junto a equipe nos jogos e viagens, com atuação direta no atendimento imediato e socorros de urgência, antes e depois de competição (Figura 1). Ainda, todas as avaliações e procedimentos realizados com cada atleta eram organizados em prontuários individualizados e os dados foram utilizados para estudos, discussões de casos e pesquisas científicas.

Figura 1 - Fluxograma das atividades fisioterapêuticas desenvolvidas no PEFE.



Fonte: Dados da pesquisa.

2.1 Instrumento de coleta de dados

Para o presente estudo foi utilizado um questionário

estruturado elaborado pelos próprios autores, no qual se apresentavam questões relativas aos dados demográficos, tempo de formado, dados de participação no PEFE (período da graduação ou pós-graduação que participou do projeto e tempo de participação), desenvolvimento de atividades científicas (realização de pesquisa, apresentação em congressos e publicações em periódicos) e caracterização profissional (titulação, área de atuação e renda salarial atual).

Para estabelecer a importância do projeto de extensão para a formação acadêmica foi apresentada a questão: “Qual importância você atribui à participação do projeto durante sua graduação?”, respondida em relação a: 1) associação entre prática clínica e evidências científicas, 2) implantação de métodos diferenciados de reabilitação, 3) facilidade no desenvolvimento dos estágios curriculares, 4) conhecimentos e discussões de casos clínicos, 5) relação terapeuta-paciente, 6) relação com fisioterapeutas residentes, 7) trabalho em equipe multiprofissional, 8) elaboração prévia de condutas fisioterapêuticas, 9) relação com a realidade esportiva em treinos, jogos e competições, e 10) entendimento do aspecto psicológico do paciente/atleta.

Ainda, a relação do PEFE com a prática clínica profissional foi estabelecida por meio da questão: “Qual importância você atribui à participação no PEFE para sua prática profissional atual?”, respondida em relação a: 1) associação da prática clínica com evidências científicas, 2) implantação de métodos diferenciados de reabilitação, 3) facilidades com métodos de avaliação em fisioterapia, 4) prática com eletrotermofototerapia e terapia manual, 5) criatividade com recursos de cinesioterapia, 6) relação terapeuta-paciente, 7) facilidade do trabalho em equipe multiprofissional, 8) entendimento do aspecto psicológico do paciente/atleta, e 9) contato com profissionais de diversas áreas ligados ao futebol.

2.2 Análise dos dados

Todas as questões de dados demográficos, tempo de formados, dados de participação no PEFE, desenvolvimento de atividades científicas e caracterização profissional foram descritas de forma absoluta e relativa (%). As perguntas do questionário que se relacionavam com a formação acadêmica e prática clínica profissional, descritas acima, foram categorizadas pelos autores em: Muito importante (MI), importante (I), pouco importante (PI) e não importante (NI).

Os resultados das respostas foram analisados por meio do software SPSS® 22.0 e estão descritos em frequência absoluta e relativa, de acordo com as respostas estabelecidas pelos entrevistados.

3 Resultados e Discussão

Dos 29 fisioterapeutas que responderam à pesquisa, 13 (44,8%) eram mulheres e 16 (55,2%) homens, com idade de 25 ($\pm 2,22$) anos, e formados entre seis meses a sete anos. Quanto ao período inicial de participação no PEFE, 68,9%

dos entrevistados iniciaram as atividades no decorrer do curso de graduação em fisioterapia, 51,7% no terceiro ano do curso, 13,8% no segundo ano e 3,4% no quarto ano. Já 31,1% iniciaram após o término da graduação, no decorrer da RFTOF. Destaca-se que 24,1% participaram durante a graduação e permaneceram no projeto no decorrer da RFTOF, totalizando 55,2% de participantes com atuação profissional no PEFE. O tempo total de participação no PEFE variou de seis meses (17,2%) a 36 meses (6,9%), mas se destaca que 69% participaram entre 12 e 24 meses.

Em relação às atividades de pesquisas, observou-se que 75,9% estiveram inseridos em projetos de pesquisa relacionados com a fisioterapia esportiva ou traumatologia, 79,3% participantes apresentaram seus trabalhos em congressos e, 34,5% contribuíram para a publicação de artigos científicos. Os resultados dessas atividades estão descritos no Quadro 1.

Quadro 1 - Dados referentes à realização e colaboração em pesquisas, apresentação de trabalhos em congressos e publicação de artigos. Dados demonstrados em frequência absoluta e relativa

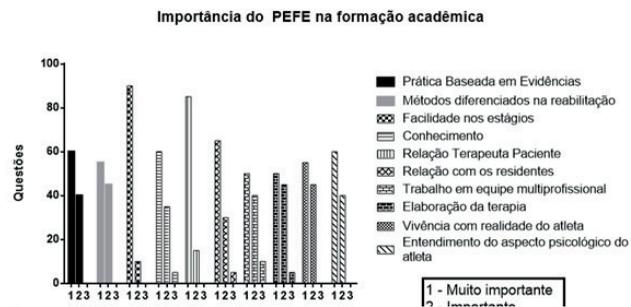
Participação em Atividades de Pesquisa Científica N=29		
	Sim	Não
Realização de pesquisa própria	22 (75,9%)	7 (27,1%)
Colaboração em outras pesquisas	23 (79,3%)	6 (20,7%)
Apresentação de trabalho em congressos	23 (79,3%)	6 (20,7%)
Participação em publicações de artigos	10 (34,5%)	19 (65,5%)

Fonte: Dados da pesquisa.

Como caracterização profissional, 89,7% estavam cursando ou já cursaram algum curso de pós-graduação, 20,7% no modelo *Strictu Sensu* e 69,0% *Lato Sensu*. Diversas áreas de atuação foram mencionadas pelos fisioterapeutas entrevistados e, alguns relataram atuar em mais de uma área. Cita-se a fisioterapia traumato-ortopédica apontada por 23 participantes (82,8%) como a mais frequente, seguida pela fisioterapia esportiva por 10 (34,5%) participantes, entre outras. A renda salarial no momento da entrevista variou de R\$ 1.500,00 a mais de R\$ 8.000,00, e pode-se observar que 51,7% dos fisioterapeutas apresentam renda salarial de R\$1.500,00 a R\$3.000,00.

A importância atribuída ao PEFE para formação acadêmica foi estabelecida pela maioria dos entrevistados como de MI, destacando-se a questão sobre a facilidade com a prática clínica nos estágios curriculares obrigatórios e, a relação terapeuta-paciente, em que obtiveram resposta favorável (MI) de 85,7% e 85%, respectivamente. Os dados descritivos estão apresentados na Figura 2.

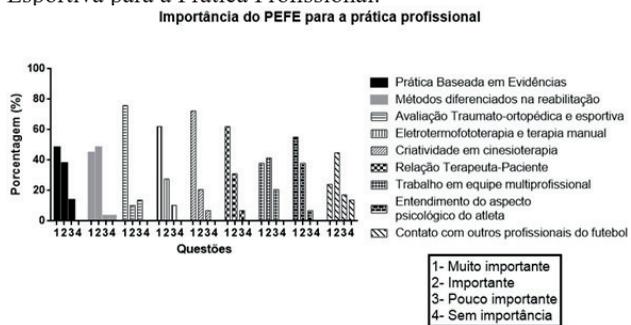
Figura 2 – Importância do Projeto de Extensão em Fisioterapia Esportiva na formação acadêmica.



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à importância atribuída ao PEFE para prática atual dos fisioterapeutas, pôde-se observar que seis questões obtiveram maioria das respostas classificadas como MI e, três questões como I, com destaque para a implementação de métodos diferenciados de reabilitação, trabalho em equipe multiprofissional e contato com profissionais relacionados ao futebol (Figura 3).

Figura 3 - Importância do Projeto de Extensão em Fisioterapia Esportiva para a Prática Profissional.



Fonte: Dados da pesquisa.

O objetivo do presente estudo foi estabelecer a importância de um projeto de extensão em Fisioterapia Esportiva, desenvolvido no decorrer da graduação e pós-graduação, para a formação acadêmica e prática profissional de fisioterapeutas, assim como apresentar as características destes profissionais. Os fisioterapeutas entrevistados eram jovens e 44,8% mulheres, o que aponta a não importância do gênero na busca por atividades em fisioterapia esportiva, um meio considerado erroneamente como masculino. Os entrevistados estavam no início da construção de sua vida profissional, com até sete anos de formados, e 51,7% relataram renda salarial entre R\$1.500,00 a R\$3.000,00, próxima do piso salarial estabelecido pela Federação Nacional dos Sindicatos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (FENAFITO)⁹ que, no momento da aplicação do questionário, era de R\$ 2.645,00. No estudo de Silva et al.¹⁰ publicado em 2011, 58,2% dos fisioterapeutas da elite do esporte brasileiro, a renda salarial mínima foi de R\$3.214,22, realidade financeira que corrobora com 31,8%, dos fisioterapeutas avaliados neste estudo, porém deve ser observada uma lacuna de seis anos entre os dados publicados por Silva e os do presente estudo. Ainda, acredita-se que o maior tempo de formado, maior prática clínica

e o número de cursos e especializações maior propiciam possibilidade de melhorar a renda profissional.

As respostas encontradas apontaram que a participação em PEFE foi importante para agregar conhecimento sobre o processo saúde-doença e favorecer a relação terapeuta-paciente ao longo da vida acadêmica. Em complemento, estudos mostram que projetos de extensão em fisioterapia auxiliam os alunos a desenvolverem o raciocínio clínico e responsabilidade profissional em situações reais^{1,8}. Também foi possível observar que o projeto de extensão contribuiu para uma maior facilidade da prática clínica nos estágios curriculares obrigatórios em diferentes áreas da fisioterapia, já que possibilitou experiências complementares, para alunos de graduação e pós-graduação, pois a universidade em que o mesmo foi desenvolvido não possuía estágio curricular em fisioterapia esportiva. Assim como 39,5% das Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil, que oferecem disciplina de fisioterapia esportiva, porém destas, apenas 16,5% oferecem estágio supervisionado na área, segundo o estudo de Oliveira et al.⁷ que avaliou o perfil da fisioterapia esportiva nas IES do Brasil.

Para a formação acadêmica, os fisioterapeutas consideraram muito importante a associação da prática clínica com as evidências científica, também chamada de prática baseada em evidência (PBE), que é uma estratégia para melhorar a qualidade do serviço fisioterapêutico prestado¹¹. Isso demonstra que a antecipação da prática do aluno permite o desenvolvimento, tanto prático como crítico, em relação à efetividade do tratamento proposto. Além disso, a maior facilidade prática em estágios curriculares de outras áreas mostra que o complemento à formação acadêmica não se restringiu apenas a fisioterapia esportiva, mas contribuiu para uma formação profissional mais completa. As atividades praticadas, como: avaliação fisioterapêutica, desenvolvimento de raciocínio clínico, elaboração de objetivos e condutas, fazem parte do dia a dia do fisioterapeuta em todas as áreas de atuação e, essa experiência vivenciada pelos acadêmicos, desde o segundo ano da graduação, pôde facilitar o desempenho nas demais áreas durante os estágios supervisionados. Outro ponto positivo destacado foi a relação terapeuta/paciente, uma das características profissionais fundamentais para sucesso terapêutico¹², e esta pautado na ideia de que todo ser humano necessita ser acolhido e compreendido em suas necessidades, o que não é diferente em situação de dor ou sofrimento¹³. Entender precocemente esse processo e saber se portar como profissional é uma tarefa difícil, que pode ser treinada durante o PEFE.

Conciliar atividades de pesquisa no projeto de extensão, no decorrer da graduação em fisioterapia, torna-se uma alternativa para permitir uma melhor base de conhecimento para os participantes¹⁴, que acompanharam e desenvolveram pesquisas de iniciação científica e de pós-graduação *stricto sensu*, além de apresentações de trabalhos em congressos e publicação de resultados em artigos científicos. A associação

das pesquisas aos projetos de extensão universitária pode contribuir para o aumento do interesse em produção de artigos científicos, fator importante já que a produção científica da fisioterapia brasileira ainda é relativamente pequena¹⁵.

A atuação na área de fisioterapia esportiva foi mencionada por 34,5% dos fisioterapeutas, após o término da graduação, o que pode representar a dificuldade em atuar no meio esportivo¹⁰, principalmente, pelo fato da indicação ainda ser a principal forma de contratação dos clubes. Já a atuação na área de fisioterapia traumato-ortopédica funcional foi apontada por 82,8% dos participantes, reflete a realidade brasileira, com maior frequência de atendimentos em fisioterapia e com maior número de publicações científicas¹⁵. Estes resultados refletem ainda a busca por especialização acadêmica ou profissional, independente se em fisioterapia esportiva ou traumato-ortopédica funcional, já que a maioria dos entrevistados (89,7%) está cursando ou já cursou alguma pós-graduação. Estes resultados são maiores dos apresentados por Silva et al.¹⁰, em que 78,2% dos entrevistados realizaram pelo menos uma especialização, porém menos da metade em fisioterapia esportiva. Assim, destaca-se que a busca por atualizações, por aprimoramentos e especializações é importante para os profissionais com até sete anos de formados. Porém, a área esportiva não é a mais frequente, o que é justificado por Oliveira et al.⁷, que verificaram a escassa quantidade de pós-graduação *lato sensu* na área de Fisioterapia Esportiva (20%).

A importância do projeto de extensão para prática clínica profissional atual foi destacada e associada com a maior facilidade de utilização dos métodos de avaliação em fisioterapia traumato-ortopédica e esportiva, conhecimento e facilidade de aplicação de recursos de eletrotermofototerapia e de cinesioterapia. Acredita-se que a atuação em fisioterapia esportiva facilite e aumente o número de avaliações realizadas já que as lesões esportivas são dinâmicas, visto que o quadro clínico do atleta altera rapidamente, melhora ou piora de um dia para o outro, o que solicita novas reavaliações, atualização das estratégias terapêuticas, maiores raciocínios clínicos e mudança de objetivos e condutas fisioterapêuticas mais adequadas, que facilitem a recuperação precoce do atleta.

Por fim, cabe destacar que não foi realizada a discriminação das respostas entre os sexos, pois se acredita que homens e mulheres devem ter a mesma oportunidade de atuação em fisioterapia esportiva, já que possuem a mesma formação e apresentam competências iguais para o desenvolvimento das atividades. Ainda, no projeto de extensão analisado neste estudo, todas as atividades eram desenvolvidas por todos os participantes, independente de sexo. Uma das limitações deste estudo está relacionada ao questionário aplicado, que contém apenas questões objetivas e fechadas. Assim, estudos futuros sobre a importância dos projetos de extensão devem ser incentivados, adequando novas questões de forma discursiva, para maior relato do participante, com suas próprias palavras,

e para considerar informações adicionais.

4 Conclusão

Os fisioterapeutas estabeleceram que terem participado de um projeto de extensão em fisioterapia esportiva na graduação ou residência, da Universidade Estadual de Londrina, foi muito importante e facilitou o desenvolvimento das atividades acadêmicas de estágio curricular, relação terapeuta-paciente, prática clínica e entrada no mercado de trabalho. Além disso, é fundamental que projetos de extensão universitária sejam incentivados em outras instituições públicas ou privadas, pois é importante para a troca de experiências entre profissionais, que atuam no mercado de trabalho, docentes, pós-graduandos e alunos de graduação. Os resultados apresentados contribuem para o incentivo e justificativa de futuros projetos de extensão em fisioterapia esportiva.

Referências

1. Castro SS, Sousa AI, Lima MCPB. Curricular intersections of university extension and teaching in Physical Therapy programs. *Fisioter Mov* 2015;28(1):127-39 doi:10.1590/0103-5150.028.001.AO13.
2. Bezerra FL. Extensão universitária contribuições na formação de discentes de enfermagem. *Rev Bras Pesq Saúde* 2015;17(1):19-24 doi: 10.21722/rbps.v17i1.12445
3. Maira S, Siqueira C, Jesus VS, Carolina M, Whitaker O, Vitor B, et al. Atividades extensionistas, promoção da saúde e desenvolvimento sustentável: experiência de um grupo de pesquisa em enfermagem. *Esc Anna Nery* 2017;21(1):1-7 doi: 10.5935/1414-8145.20170021
4. Manchur J, Suriani ALA, Cunha MC. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. *Rev Conexão UEPG* 2013;9(2):334-41.
5. CNE. Resolução CNE/CES 4/2002. Diário Oficial da União, Brasília; 2002. Seção 1, p. 11.
6. Ribeiro KSQ. A contribuição da extensão comunitária para a formação acadêmica em fisioterapia. *Fisioter Pesq* 2005;12(3):22-9.
7. Oliveira RR, Rebouças NS, Marques NP. Perfil da Fisioterapia Esportiva nas Instituições de Ensino Superior do Brasil. *Fisioter Pesq* 2013;20(3):268-77 doi: 10.1590/S1809-29502013000300012.
8. Barbieri LG, Mendonça RR, Guimarães DF, Barbieri DGFV. Liga acadêmica de fisioterapia em ortopedia e traumatologia no esporte – lorte: um relato de experiência. *Rev Ciênc Ext* 2015;11(1):161-70.
9. FENAFITO. Referência de piso salarial da fenafito. 2017;(11):6755.
10. Silva AA, Tirado MG, Sampaio RF. Análise do perfil, funções e habilidades do fisioterapeuta com atuação na área esportiva nas modalidades de futebol e voleibol no Brasil. *Rev Bras Fisioter* 2011;15(3):219-26 doi: 10.1590/S1413-35552011000300008
11. Marcos J, Dias D. Prática baseada em evidências: uma metodologia para a boa prática fisioterapêutica. *Fisioter Mov* 2006;19(C):11-6.
12. Diener I, Kargela M, Louw A. Listening is therapy: Patient interviewing from a pain science perspective. *Phys Theor Pract*

- 2016;32(5):356-67 doi: 10.1080/09593985.2016.1194648
13. Marinho PEM. Reflecting about pain expressivity and the therapist-patient relationship. *Fisioter Mov* 2005;18(2):73-9.
14. Bispo Júnior JP. Physical therapy education in Brazil: reflections on the expansion of teaching and training models. *Hist Cienc Saude Manguinhos* 2009;16(3):655-68. doi: 10.1590/S0104-59702009000300005.
15. Coury HJCG, I Vilella. Perfil do pesquisador fisioterapeuta brasileiro. *Rev Bras Fisioter* 2009;13(4):356-63 doi: 10.1590/S1413-35552009005000048.